

CIDADELA PERDIDA

No décimo século da era cristã ocorreu a invasão da Península Ibérica por muçulmanos, também conhecidos por mouros, ou seja, árabes. na região espanhola que chamavam de “al-Andalus”, que é hoje a Andaluzia espanhola. Ficaram muitos e variados vestígios da presença deles na Europa, onde atualmente a população de muçulmanos beira aproximadamente quarenta e quatro milhões de habitantes, ou seja, 5% do total. São, com efeito, muitos os vocábulos correntes de origem árabe incorporadas ao vocabulário das línguas latinas, assim como as comidas típicas que se espalharam pelo mundo todo, até mesmo restos materiais diversos e, pasmem, duas típicas cidadelas de nomes estranhos, Madinat al-Zahira e Madinat al-Zahra, a primeira delas desaparecida porque completamente arrasada por diversas guerras. Pois é sua exata localização que o Instituto Geográfico Nacional da Espanha pretende encontrar, uma vez que os dados existentes sobre ela não fazem referência à localização.

Contando com a tecnologia Lidar (Light Detection Ranging), que emprega “laser” pulsado para mapear extensas regiões mesmo cobertas de vegetação, e fazer uma espécie de mapa em 3D, conseguiram os pesquisadores, com razoável segurança, localizar uma grande área perto das Montanhas Pendolillas, em Córdoba, a pouco mais de dez quilômetros da conhecida e famosa Grande Mesquita, local onde outrora possivelmente se erguia a tal cidadela desaparecida de Madinat al-Zahira. Os dados obtidos através dessa tecnologia foram analisados em conjunto com textos medievais pré-existentes a respeito de morfologia urbana árabe, levando à quase certeza de que aquela é mesmo a área procurada. Com efeito, foram detectados planos de diferentes alturas, adaptados ao tipo de terreno daquele local,

assim como marcas de construções quadradas e retangulares. O mistério, assim, parece ter sido resolvido. Agora, o trabalho de busca de outros restos materiais dessa cidadela perdida é dos paleontólogos, que devem estar ansiosos por começar o trabalho. Não será uma tarefa fácil, imagino.

O que mais me impressionou quando li sobre essa descoberta, foi a extraordinária utilidade do Lidar, com a tal tecnologia de laser pulsado - confesso que nem sei como isso funciona - no escaneamento de vastas regiões do planeta antes indecifráveis, uma vez que cobertas por terrenos pedregosos, vegetação de caatinga ou mesmo florestas tropicais.

Já imaginaram os que me leem, se for feita uma varredura com o tal Lidar nas imensidões inexploradas da Amazônia, que surpresas podem nos estar reservadas? Eu não me admiraria se fosse localizado algum templo perdido, ou mesmo uma cidade abandonada naquela grande floresta tropical.

Não descarto que essas minhas ideias provenham do fascínio que tenho pela floresta amazônica, desde a infância e a adolescência. Naqueles tempos já tão distantes, li tudo que me caía nas mãos sobre ela, e então a imaginação funcionava. Hoje sei que as probabilidades de que isso possa acontecer são mínimas.

Quem ainda cultiva com muito zelo ideias semelhantes é a Severina, aquela benzedeira e fazedora de chás para todos os males do corpo e do espírito, já por mim muitas vezes mencionada. “Sabe, seu doutor, estou em vias de encontrar as coordenadas de uma cidade desaparecida na Amazônia. O senhor vai ser o primeiro a saber”, afiançou-me ela quando discutimos o assunto na semana passada. Ah..., Severina disse-me também que não precisa de nenhuma tecnologia - referia-se ao Lidar - para os estudos que está fazendo, pois bastam suas rezas e intuições que não falham nunca.

Só mesmo a incrível e surpreendente Severina. Vocês, caros leitores e estimadas leitoras, acreditam nela?

Viganó
darly.vigano@gmail.com